

DEUSES DO EGITO - LIVRO II

COLLEEN HOLTZ

AUTORA DE A MALDIÇÃO DO TIGRE



O CORAÇÃO  
DA ESFINGE



ARQUEIRO



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para Matthew, Alan, Sarah, Katie e Chris, que adoram estar  
nos meus livros mesmo que não sejam sereias ou dragões*



## O amor perdido de uma mulher

*Antigo poema de amor egípcio*

Perdido! Perdido! Ó amor perdido!  
Ele passa por minha casa e sequer vejo seu rosto,  
Enfeito-me com cuidado; ele não vê.  
Ele não me ama.  
Quisera Deus eu estar morta! Tamanho desgosto!  
Deus! Deus! Deus! Ó Amon poderosíssimo!  
Serão meus sacrifícios e orações em vão?  
Ofereço a ti tudo o que possa agradar,  
Ouve meu grito e traz o amor do meu coração.  
Doces, doces, doces como o mel em minha boca,  
Seus beijos em meus lábios, meu cabelo, meus seios;  
Mas agora meu coração é como o Sul calcinado pelo sol,  
Onde os campos são desertos, cinzentos e feios.  
Venha! Venha! Venha! E me beije quando eu morrer,  
Pois a vida está em teu hálito, a vida que desejei;  
E com esse beijo, mesmo estando na tumba,  
Hei de me levantar e as amarras da morte romperei.

# PRÓLOGO

## Perdido

*Como pude fazer uma coisa tão idiota?*, pensou Amon. Deixar a segurança do além em troca da incerteza do mundo dos mortos tinha sido uma decisão ruim, perigosa. Mas sentira que não havia outra opção. Além disso, a morte era o que ele buscava, ainda que, admitia, preferisse uma mais tranquila.

Seguindo pelo caminho de pedras que deveria levar a um refúgio temporário, Amon se perguntou que forma a morte assumiria. Seria engolido por um monstro que iria digeri-lo vagarosamente no correr de séculos? Seria esfolado vivo por uma criatura cuja especialidade fosse fazer um ser humano sofrer? A melhor hipótese em que podia pensar era a da morte por envenenamento. O mundo dos mortos era cheio de criaturas peçonhentas propensas a destruir quem entrasse em seus ninhos.

Ainda que cortejasse a morte, por enquanto Amon não queria sucumbir a ela. Apenas recentemente Lily havia retornado à sua vida mortal e anos se passariam antes que houvesse ao menos uma chance remota de estar com ela outra vez. Tinha prometido encontrá-la no além. Não sabia exatamente como, mas tinha décadas para descobrir um modo. A verdade era que, mesmo se não tivesse conhecido Lily e se apaixonado por ela, teria desistido da missão. Aquilo durava muitos anos. Tempo demais. E a morte não era a pior coisa que ele podia imaginar.

As breves incursões pelo reino dos mortais não eram mais suficientes. Se tivesse se reunido com os irmãos antes do julgamento, eles saberiam o que ele desejava fazer, tentariam convencê-lo a desistir. Por isso saltou antes de vê-los outra vez. Queria mais. Precisava de mais do que apenas uma sombra pálida de vida.

E, assim, tinha abandonado seu dever. Abandonado os irmãos. E agora

tinha abandonado os próprios deuses. Haveria um preço a pagar, mas ele não se importava. Lily era a única amarra que ainda o ligava ao caminho por onde andava. A única razão por que não se entregava ao próximo plano de existência. Onde quer que isso fosse. Por isso, lutava para ganhar tempo enquanto esperava.

À medida que os dias passavam, ele despedaçava cada uma das feras furiosas e apavorantes que o desafiavam no mundo dos mortos. Algumas vinham porque ele era imprudente. Outras, Amon suspeitava, eram mandadas como castigo dos deuses. Outras ainda eram atraídas por sua melancolia. Os breves momentos de descanso eram curtos demais. Não importava aonde fosse ou como se esquivasse, os demônios sempre o encontravam.

Apesar de ter deixado o corpo mortal para trás, sua alma desgarrada ainda sentia as angústias da carne. Felizmente suas necessidades eram bem mais escassas do que no mundo humano. Quando sentia sede, implorava presentes aos espíritos que viviam nas árvores. Quando sentia fome, roubava provisões armazenadas pelas criaturas que ele trucidava; e de vez em quando, se nada pudesse ser encontrado e as dores do estômago vazio ficassem insuportáveis, assava os corpos das feras que havia matado.

Quando estava absolutamente exausto dos terrores que tinha provocado contra si e se via em segurança relativa, Amon dormia. Era sempre um sono breve. Sempre entrecortado. Sonhar era a única felicidade que sentia em sua existência horrenda.

A pior parte de vaguear pelo mundo dos mortos não era o ataque interminável de monstros ou os perigos que o ameaçavam com uma segunda morte, dessa vez permanente. Não era a separação dos irmãos, companheiros constantes por milhares de anos. Não era nem mesmo a perda de objetivo que sentia, a ausência de autoconfiança que sempre havia possuído ou o conhecimento de que tinha um lugar no Cosmo, um lugar que, mesmo não sendo satisfatório, ele aceitava.

Não. A pior parte era também a melhor.

Ele podia senti-la.

Lily estava em outro lugar, em outro mundo, e no entanto ele podia se permitir encontrá-la. Quando tinha certeza de que não havia algum ataque iminente, ele deixava o corpo exausto descansar, fechava os olhos e a via. Essa era a parte que Amon adorava. Podia pairar junto dela como um fantasma. Não podia falar com ela nem tocá-la, e ela não sabia que ele estava ali, pelo menos conscientemente. Mas o subconsciente de Lily podia sentir que

ele estava perto, vigiando-a como um anjo da guarda. Essa era uma bênção extraordinária. Mas era também uma maldição.

Amon sabia que uma conexão poderosa como a deles era de mão dupla. Ele tivera esperança de que os dois se encontrassem apenas nos sonhos. Que o elo tivesse sido suficientemente breve para que as mentes roçassem com suavidade uma na outra enquanto dormiam. Mas a ligação era mais forte do que isso. Assim como Amon caminhava com Lily por Nova York, ele sabia que ela também viajava com ele através da sua terra de pesadelos.

A decisão de deixar o paraíso havia provocado consequências terríveis para a garota que ele amava, e, agora que estava no mundo dos mortos, não havia como sair. Os deuses não iriam ajudar; Amon tinha abandonado a causa deles. A morte seria seu único indulto, mas toda vez que pensava que a havia ferido demais e que desistiria, que iria se entregar a qualquer criatura sinistra que estivesse querendo destruí-lo, sentia a presença dela, um apelo inconsciente para continuar tentando, suportar um pouco mais.

Amon buscava respostas para o dilema espiando através do Olho de Hórus, mas as coisas que via o confundiam. Às vezes o Olho o provocava com vislumbres de um futuro possível. Uma saída. Se pudesse resistir o suficiente, sobreviver na forma em que existia no momento até a morte natural de Lily, haveria uma chance de encontrá-la. De que o elo entre os dois os unisse outra vez.

Em outras ocasiões via Lily como uma pessoa estranha, uma criatura totalmente diferente da garota que ele conhecia. Tinha visões de si mesmo torturado e sofrendo abusos. Seus irmãos expressando ciúme e raiva. Os deuses em guerra contra o Caos. Essas imagens não faziam sentido. O Caos seria mantido a distância por mais um milênio. E os deuses não se reuniriam nem mesmo para uma refeição, quanto mais para uma guerra.

A incerteza sentida por Amon era normal. Estava acostumado com as estranhas sombras do passado e do futuro se misturando. O Olho via tudo, mas nada que revelava fazia sentido. Os acontecimentos nunca estavam na ordem correta. Era necessário uma concentração e energia tremendas para fazer com que o Olho mostrasse alguma coisa específica. Para não enlouquecer, Amon passava boa parte do tempo tentando ignorar as visões que inquietavam sua mente. Mas, desde que chegara ao mundo dos mortos, o Olho havia começado a trabalhar de modo intensivo.

O gasto enorme de energia quando ele pedia para ver o futuro de Lily valia a pena. As coisas que vislumbrava lhe davam esperança. Esperança de se reencontrarem, de um futuro em que poderia tê-la nos braços.

Havia momentos em que se via segurando o rosto dela, beijando suas pálpebras fechadas, sentindo o gosto de sal das lágrimas que escorriam lentamente pelo rosto dela. Esses lampejos abençoados de felicidade eram tudo que precisava saber. Deixaria o Universo se preocupar com o restante. Talvez fosse egoísmo de sua parte manter a conexão, mas simplesmente não conseguia abandonar Lily. Ainda não. Não enquanto houvesse uma chance.

Embora sentisse que ela provavelmente caminhava pelo mundo dos mortos com ele durante os sonhos, havia ocasiões, ainda que breves, em que ambos dormiam. Nesses momentos era possível se comunicar com ela, mas a mente de Lily sempre o bloqueava: seu corpo ficava tão exausto das provações criadas pela conexão que sua consciência se fechava e ela dormia profundamente.

Quando isso acontecia, ele não pressionava. Ela precisava descansar, e, por mais que Amon quisesse falar com ela, não fazia sentido. Sua fraqueza condenara os dois a esse destino. Se ao menos a tivesse amado o bastante no início para deixá-la em paz, ou se a tivesse mandado embora mais cedo, talvez nada disso tivesse acontecido.

Claro, sem Lily era bem possível que ele e seus irmãos estivessem mortos e o mundo, dominado pelo Caos. Mesmo assim, se tivesse sido um pouco mais vigilante em relação às próprias emoções, ela não estaria sofrendo. Seria apenas outra garota humana, uma dentre as bilhões que existem no mundo. Ninguém importante, e certamente ninguém em quem os deuses prestariam atenção. Ninguém, a não ser ele.

Amon suspirou. A verdade era que, enquanto Lily fosse dona do seu coração, ele lutaria. Tinha uma obrigação para com ela; se Lily queria que ele fosse em frente, ele daria um jeito.





# Trégua

– Amon!

Acordei com um susto, o pulso disparado, até que aos poucos o pesadelo foi se dissipando. Eu passara a deixar o abajur aceso perto da cama porque os horrores que dominavam meus sonhos continuavam a assombrar o quarto escuro quando eu acordava. Alguma criatura terrível o havia encurralado, soltando um guincho de satisfação, o hálito pútrido ardendo no meu nariz quando sua língua se projetava para lambe o sangue de um corte no ombro de Amon. Tudo parecia real demais.

Tremendo, abracei meu corpo, deslizei para fora da cama e fui para meu local preferido na varanda que dava para o Central Park. Ali, passei a mão na cabeça da estátua do falcão empoleirada no parapeito.

A ave me lembrava Amon em sua forma de falcão dourado e, quando o sol a aquecia, o calor armazenado na escultura de metal parecia perdurar, mesmo tarde da noite enquanto eu andava pelo quarto, sem conseguir dormir. Ela me acalmava quando eu a tocava e me permitia visualizar Amon como o tinha deixado pela última vez, e não como o homem ferido e cheio de dores que aparecia nos meus sonhos.

Ele estava perdido para mim. Eu sabia. Tinha consciência de que deveria tentar ir em frente, talvez tentar namorar outra pessoa, mas a lembrança do meu príncipe do sol egípcio encarnado era difícil de superar. Amon não era perfeito, mas chegava bem perto disso. Agora mesmo eu podia facilmente visualizá-lo perto de mim – a pele dourada aquecida pelo sol, o brilho nos olhos cor de avelã e aquele sorriso secreto escondido atrás dos lábios bem desenhados e altamente sedutores.

Suspirando, me debrucei no parapeito e olhei o parque. Eu estava apai-

xonada por um cara que tinha séculos de idade e que, no momento, mofava num sarcófago decorado com desenhos complexos fabricado por Anúbis em pessoa. Sua metade espírito, a metade que deveria estar no paraíso enquanto ele aguardava a próxima vez que seus serviços seriam necessários, assombrava meus sonhos.

Das duas uma: ou ele estava com problemas sérios, ou havia algo profundamente errado comigo desde que voltara do Egito. Mas as criaturas que eu via nos sonhos eram muito mais horrendas do que as que eu poderia inventar. Eu não era tão criativa assim. Pior ainda do que minhas suspeitas de que Amon corria perigo era o fato de eu não poder contar isso a ninguém. Ninguém sabia de sua existência.

Bom, isso não era de todo verdade. O Dr. Hassan sabia, mas ele morava do outro lado do mundo. Eu tinha escrito para ele quando voltei para casa, e sua resposta empolgada me fez sorrir, mesmo tendo certeza de que ele devia ter deduzido o que acontecera quando não encontrou meu corpo na pirâmide depois de Amon e seus irmãos terem salvado o mundo. Eu me sentia mais do que honrada por ter participado daquilo tudo, embora enganar Amon para fazê-lo usar a minha energia tenha quase me matado.

Demorei um mês para receber uma resposta do Dr. Hassan, apesar de todo dia checar ansiosamente a caixa postal que tinha alugado para nossa correspondência secreta. Ele disse que eu não me preocupasse, que Amon gozava da proteção dos deuses, que ele, Hassan, havia escondido os irmãos muito bem e que eu deveria sentir orgulho dos sacrifícios que tinha feito para manter o mundo em segurança.

Suas cartas praticamente se resumiam a isso. E foram ficando cada vez mais sucintas à medida que o tempo passava. Era como se ele também quisesse que eu simplesmente esquecesse tudo que havia acontecido e seguisse com a minha vida. Mas como eu poderia? Amon assombrava meus sonhos. Não que eu não ficasse feliz em vê-lo. Eu ficava, sim. Mas os horrores que ele enfrentava eram suficientes para fazer qualquer garota, até mesmo uma que tinha visto tudo o que vi, sair correndo para o hospício mais próximo.

Meus pais estavam preocupados. Embora eu tentasse agir como se estivesse levando uma vida normal, minha insônia começava a ficar perceptível. Eles não tinham a menor ideia de que eu havia quase morrido, me apaixonado por uma múmia linda de morrer (sem trocadilho) que voltara à vida e passado umas férias no Egito. O fato de eu ter conseguido chegar ao fim do ano escolar sem que as notas caíssem foi um feito enorme.

Eles não sabiam da minha experiência com Amon no Egito e de quanto isso havia me transformado. Eu mesma não sabia quanto tinha mudado até voltar para casa. Pensei que estariam evidentes no meu rosto toda a emoção, todo o trauma, toda a... morte, mas meus pais só notaram o cabelo. Meu cabelo castanho, liso e comum agora estava cheio de mechas louras em diferentes tons. Eles não gostaram.

A primeira coisa que minha mãe disse foi:

– Onde você estava com a cabeça?

Na mesma hora pegou o telefone e deu uma bronca no nosso cabeleireiro, que não tinha nada a ver com a história mas assim mesmo liberou a agenda imediatamente para reparar o “dano”. Eu expliquei a ela, em voz baixa porém firme, que gostava do meu cabelo como estava e que minha intenção era mantê-lo assim. Dizer que eles ficaram chocados com meu pequeno ato de rebeldia seria um eufemismo.

Assim como protestaram contra minha decisão de manter as mechas louras, recusaram com veemência quando pedi que me chamassem de Lily em vez de Lillian. Como resultado, comecei a me sentir uma estranha em minha própria casa. Para manter a paz, disse que iria para a faculdade que eles quisessem, contanto que me permitissem passar o verão na fazenda da minha avó, em Spring Lake, no estado de Iowa. Achei que não tinha mais importância aonde eu iria estudar, e esse arranjo serviu para aplacar os temores incitados pelo novo tom do cabelo.

Assim que recebi a carta de aceitação eles me deixaram em paz, o que significou que eu podia lamentar a perda de Amon sem que ninguém notasse. Os meses foram passando e logo chegou a formatura do ensino médio.

Quando me olhei no espelho na manhã da colação de grau, fiquei arrasada ao ver que meus reflexos dourados, a última prova tangível do toque de Amon, estavam desbotando. Nesse ritmo, no Natal já teriam sumido. Assim, me permiti chorar um bocado antes de tomar banho e me vestir para a cerimônia.

Se minha mãe notou meus olhos muito brilhantes, provavelmente atribuiu ao fato de eu estar abalada por deixar a escola. A verdade era que eu não estava nem aí para a escola. Não estava nem aí para a faculdade nem para os outros garotos. Não estava nem aí para mais nada.

Logo chegou a hora de eu partir para as férias de verão, e fiquei surpresa com o fato de meus pais quererem me levar ao aeroporto. Talvez tenham notado mais do que eu pensava, ou talvez só estivessem nostálgicos porque eu

estava crescendo e deixando o ninho. Qualquer que fosse o motivo, o clima no carro durante o trajeto foi meio esquisito.

Olhei meu reflexo na janela.

Meus olhos estavam grandes e sem brilho, o cabelo enrolado num coque perfeito apertado na nuca e os lábios esticados numa linha fina e dura, rígida feito uma régua. Na verdade, eu estava parecendo uma professora severa. Um sorrisinho levantou o canto da minha boca quando imaginei quanto Amon odiaria meu cabelo desse jeito. Ele o preferia solto e rebelde.

Depois das despedidas discretas e de alguns abraços tensos, meus pais me entregaram ao caos do aeroporto. Lá dentro, uma profusão de emoções me atingiu ao mesmo tempo. Lembrei-me de quando estive ali com Amon, poucos meses antes, e de como, com um aceno e um sorriso charmoso, ele conseguia que qualquer um fizesse o que ele queria.

Embarquei no avião e preendi o cinto, lembrando de como até mesmo as ações mais corriqueiras, como ajustar o cinto de segurança, eram completamente novas e estranhas para Amon. Embora eu tentasse não pensar nele, aparentemente essa era a única coisa que eu conseguia fazer, e quando fechei os olhos, acalentada pelo barulho do avião, fui parar de novo no mundo de Amon.

*Ele não estava lutando contra um monstro, o que foi um alívio, mas tinha um ferimento feio na coxa, que fazia o sangue escorrer na calça justa. Respirando fundo, ele rasgou o tecido no local e enrolou o ferimento com as ataduras que havia criado a partir da areia. Uma espécie de armadura estava largada ao lado dele, e Amon tirou uma túnica antes de mergulhá-la numa pequena piscina natural e esfregá-la nos braços e no pescoço. Esperei que as preciosas gotas que escorriam pela lateral de uma pedra bastassem para aplacar sua sede e limpar o ferimento. O lugar era muito desolado e seco.*

*Ainda que a visão de seu peito nu me distraísse, a expressão de seu rosto chamou ainda mais a minha atenção. Ele estava exausto e com muita dor, e não somente física. Imaginei se Amon sentia tanto a minha falta quanto eu a dele.*

*– Amon? – sussurrei, involuntariamente.*

*No sonho ele se imobilizou e olhou em volta, os olhos brilhando na escuridão com uma luz verde iridescente. Apesar de ele nunca ter conseguido me ouvir antes, eu ainda tentava. Um dia talvez ele escutasse. Depois de um instante, Amon relaxou os ombros, acomodou-se com as costas apoiadas numa pedra e fechou os olhos. O peito nu subia e descia num ritmo que foi ficando mais lento à medida que os minutos passavam, e então algo mudou.*

*Enquanto seu corpo continuava a dormir, uma pressão suave me envolveu.*

– Lily? – Ouvi a voz familiar e contive um soluço.

– Amon? Está me ouvindo? – perguntei à escuridão etérea.

– Sim. Estou ouvindo, Nehabet.

– Isto está acontecendo mesmo?

Ele não respondeu imediatamente, mas por fim disse:

– Queria que não estivesse.

– O que está acontecendo com você? – perguntei, desesperada. – Por que está sofrendo? Achei que você estivesse no além. Achei que estivesse em paz. Por que vive atormentado, noite após noite?

– Não estou mais sob a proteção dos deuses. Abri mão da minha condição.

– Não entendo. O que isso significa?

– Que prefiro sofrer a continuar fazendo o que eles mandam.

– Mas, se você não salvar o mundo, quem vai fazer isso?

– Eles vão encontrar outro para me substituir.

– Ainda não entendo. Eles estão castigando você?

Eu não só ouvi o seu suspiro como também o vi.

– Eles não escolheram isso para mim. Fui eu que decidi andar por este caminho.

– É um caminho muito difícil, Amon. Seus irmãos não podem ajudar?

– Estamos separados. Não há nada que possam fazer por mim agora.

– Detesto ver você desse jeito.

– Eu sei. Desculpe por lhe causar dor. Não achei que nosso vínculo seria tão forte. – Ele parou um momento antes de acrescentar: – Você também está sofrendo, Lily.

Com amargura, falei com a voz abalada:

– Não tanto quanto você.

– Não. Não tanto quanto eu. Mas mesmo assim está sofrendo. A culpa é minha. Foi a minha solidão que causou isso.

– Não foi o seu desejo por uma conexão humana que causou isso. Foram os deuses. Eles não entendem. Todo mundo precisa ser amado. É totalmente natural.

Ele deu uma risada irônica.

– Eu já fui humano um dia, Lily. Mas agora sou uma coisa totalmente diferente. Abri mão da minha humanidade em prol do bem maior.

Um trovão ressoou no céu acima da forma imóvel de Amon, nuvens pesadas movendo-se como um oceano agitado. Raios cruzaram o firmamento e seu corpo acordou com um sobressalto. Senti a perda de sua presença, como se um

*cobertor quente fosse arrancado de cima de mim. Com o chão tremendo, ele se levantou, cansado, e invocou a armadura feita de areia para que envolvesse seu corpo. Então ergueu o rosto para o vento enquanto fechava os olhos e dizia:*

*– Eu te amo, Lily. Mas está na hora de você acordar.*

*Ele correu para a escuridão, indo enfrentar alguma fera que o esperava, enquanto suas palavras ecoavam em minha mente.*

*– Eu também te amo – sussurrei, mesmo sabendo que ele não me escutava mais.*

Senti um cutucão no ombro e alguém disse:

– acorde, senhorita. O avião já pousou.



## O Lago do Espírito

A comissária de bordo me lançou um olhar estranho antes de seguir em frente. Esfreguei os olhos com as palmas das mãos, esperando que a conversa com Amon tivesse acontecido apenas na minha mente e que eu não tivesse falado enquanto dormia.

Ao me dirigir para a esteira de bagagens, não pude deixar de notar a mulher grisalha agitando de um lado para outro uma placa onde estava escrito à mão LILYPAD, o apelido pelo qual minha avó me chamava.

– Oi, vó.

Sorri enquanto ela baixava a placa e me abraçava. Era uma mulher robusta, de braços fortes e sólidos. Quando ela me apertou com força, senti a tensão nos ombros se dissolver como manteiga numa frigideira de ferro fundido.

– Senti sua falta, Lilypad. Faz muito tempo.

– Também senti a sua.

Ela segurou meus ombros, deu um passo para trás e me lançou um dos seus olhares perscrutadores.

– Humm. Você está magra demais. Bom, vamos cuidar disso. – Sorrindo, me envolveu com o braço e nos viramos para a esteira de bagagens. – Nem consigo expressar como você me deixou feliz quando pediu para passar este verão comigo.

– Fiquei contente que você tenha concordado.

– Claro que eu ia concordar. Você sabe como eu queria que você viesse fazer uma visita demorada.

Dei de ombros.

– É que nunca aparecia uma ocasião propícia.

Vovó fez um muxoxo.

– Você quer dizer que nunca aparecia uma ocasião propícia para os seus pais. Pensar que meu próprio filho é ocupado demais para se lembrar da coisa mais importante da vida.

– Você sabe que eles amam você, vovó.

– Se amar é o mesmo que estar ocupado demais para ligar para a própria mãe, sim. Tenho certeza de que eles me amam, do jeito deles.

Avistei minha mala e a tirei da esteira, com vovó me ajudando a colocá-la de pé.

– Está com fome? – perguntou ela enquanto caminhávamos até o carro.

– Morrendo! – admiti com um sorriso.

E estava mesmo. Surpreendentemente, meu apetite havia retornado. Eu não sabia se era porque estava com minha avó ou porque tinha tido a recente conversa com Amon, ou se apenas porque de repente me sentia mais eu mesma. Mas estava com fome suficiente para comer um boi inteiro, o que não era uma possibilidade muito remota na fazenda da minha avó.



Depois de pararmos numa lanchonete, voltamos à estrada e descobrimos que estávamos ambas doidas para escutar Elvis. Como seu carro velho não tinha rádio por satélite e a maioria das estradas por onde seguíamos ficava longe demais das estações normais, cantamos. Felizmente Elvis gravou tantas músicas que não precisamos repetir nenhuma. Olhei as letras no meu telefone e cantamos com entusiasmo durante todo o trajeto até a fazenda.

Havia algo de libertador em estar na estrada. Eu me sentia mais próxima do que eu era, como não me sentia havia meses, e sabia que era porque estava fazendo aquilo que Amon amava: rir, saborear uma farta refeição e estar com pessoas que gostam da gente.

Quando vovó parou junto à sede da fazenda, a tarde já ia avançada. Ela me apresentou ao seu novo cachorro, Winston, batizado em homenagem a Winston Churchill, que, ela jurava, era igualzinho a ele. Não vi a semelhança. Winston se levantou do local onde dormia na varanda e farejou minha mão balançando o rabo. Vovó foi olhar os outros animais enquanto eu arrastava a bagagem para dentro. Sabia que ela estaria cansada quando voltasse. Vovó era do tipo que dorme cedo e acorda cedo.

Mesmo assim, em vez de ir direto para o quarto, ela preparou um chá de camomila, adoçando como eu gostava, com leite e mel, e o serviu com



biscoitinhos amanteigados. Depois foi para a sala, como se sentisse que eu precisava falar. Coloquei a bagagem no quarto de hóspedes, peguei uma velha colcha de retalhos e me aconcheguei numa poltrona reclinável puída, enquanto ela ocupava sua cadeira de balanço predileta.

Bebericando o chá e se balançando, vovó me examinou com seus olhos brilhantes na penumbra da sala.

– O que está perturbando você, Lilypad?

Um jorro de palavras cruzou minha língua mas derreteu como chocolate sobre o fogo.

– Eu... é difícil falar – respondi finalmente.

– São seus pais? A faculdade?

– Não.

– Ah... então é um rapaz. – Fiz uma careta e assenti uma vez. – Fale dele.

Será que eu podia? Se alguém pudesse me entender ou acreditar em mim, seria ela. Anúbis não dissera que eu não podia contar a ninguém. Provavelmente presumindo que ninguém aceitaria o que eu dissesse, de qualquer modo. E o fato de eu revelar minha história não mudaria nada.

– Ele tem queixo forte? – perguntou ela, interrompendo meus pensamentos.

– Tem... o quê? – retruquei.

– Queixo forte. É sempre possível dizer se um homem é bom pela linha do queixo.

Não pude evitar: dei uma gargalhada.

– Vovó, do que você está falando?

– Não: é sério. Um homem de queixo fraco é um homem de quem você deve se afastar.

Ela cortou o ar diante do corpo com a mão, como se derrubasse o sujeito com um golpe de caratê.

– Tem certeza de que não está falando de cavalos nem de vacas? – provoquei.

Vovó se inclinou para a frente.

– Seu avô, que Deus o tenha, tinha um queixo marcante. Era um homem forte. Um homem bom. Desde então nunca vi outro igual.

Cruzei os braços diante do peito e olhei para ela com um sorriso.

– Foi assim que você o escolheu? Com base no queixo?

– Bom, tinha isso e as janelas embaçadas.

– Janelas embaçadas?

– Toda vez que nos beijávamos, as janelas ficavam embaçadas.

Engasguei com o chá e pousei a xícara.

– Eu *não* precisava saber disso sobre o vovô.

– Você não respondeu à minha pergunta.

Meio sem graça, dei de ombros ligeiramente e admiti:

– Pode ter havido algumas janelas embaçadas, e ele tem, sim, um queixo bem marcante, pensando bem.

– Arrá! – Os olhos de vovó reluziram. – Agora estamos chegando a algum lugar.

Percebendo que eu não acrescentaria mais nenhuma informação, ela me instigou de novo, com gentileza:

– Ele partiu seu coração, Lilypad?

Esfreguei as mãos e, apesar de um grande esforço para me controlar, as lágrimas rolaram pelo meu rosto.

– Bom, meu coração *está* partido, mas não foi culpa dele.

– Como assim?

– Ele... ele morreu, vovó.

– Ah. Ah, minha querida. Eu sinto muito! – Vovó se levantou e foi até o sofá, estendendo os braços para mim. Sem nem pensar, eu me levantei e me atirei em seus braços, deixando as lágrimas escorrerem pelo rosto numa torrente enquanto ela massageava minhas costas e murmurava: – Pode chorar, querida. Ponha tudo para fora. – Depois de um momento, acrescentou: – Seus pais não sabem?

Sacudi a cabeça.

– Eles não aprovariam.

Ela assentiu e me apertou com mais força. Mesmo sabendo que Amon ainda vivia, de algum modo, o reconhecimento de que ele estava fora do meu alcance pelo resto da minha vida mortal me oprimia demais o coração. O sofrimento era quente e apertado em meu peito. Ficar ali com vovó e deixar as emoções fluírem tão livremente ajudou. A tristeza foi me deixando devagar, me esvaziando até eu me sentir exaurida.

Ficamos sentadas em silêncio por vários minutos, a mão dela dando tapinhas de leve no meu ombro, até que finalmente levantei o rosto manchado de lágrimas.

– Como você fez, vovó? Como superou a perda do vovô?

Ela soltou um suspiro pesado enquanto suas mãos iam até o meu cabelo e o acariciavam com leveza.

– A gente não supera. De verdade, não supera. Sei que não é a resposta que a maioria dos seus amigos vai dar, mas é a verdade, pela minha experiência.

Os outros não querem saber realmente disso, portanto se prepare. Ah, eles deixam a gente em paz durante um tempo, dão uma trégua, mas depois esperam que a gente se recupere e continue vivendo.

– Então você não superou?

– Acho que nunca vou superar. Seu avô era parte integral da minha vida. Não me entenda mal. Com o tempo o sofrimento muda. A gente se ocupa. Às vezes a mente até esquece a dor durante um tempinho. Mas, quando morre alguém que amamos, vamos sempre sentir uma dor por dentro, como uma farpa, e, quando pensamos naquela pessoa, a dor volta.

Meu lábio tremeu quando pensei que a farpa no meu coração mais parecia um tronco de árvore serrilhado.

– Ah, querida. Espero não ter piorado as coisas.

– Não sei se poderiam ficar piores.

– Sei que parece que não resta mais nada. Que a vida não vai continuar sem ele. Mas continua. Pelo menos até onde você permitir. Gosto de pensar que ele não se foi para sempre, que só está num lugar aonde eu não posso ir por enquanto. Pensei um bocado na morte desde o dia em que ele partiu deste mundo, e concluí que ela é como uma longa viagem de negócios. É uma separação que nenhum de nós quer, mas é uma parte normal da vida. E algum dia, não sei quando, essa viagem de negócios vai chegar ao fim e vamos ficar juntos de novo.

– Você acha mesmo que vai reencontrar o vovô?

– Eu não acho. Eu sei que vou.

– Nunca imaginei que você fosse tão romântica, vovó.

– Jamais subestime o poder do coração, Lilypad.

Soltei o ar num longo suspiro.

– E o que eu faço até que a gente possa se reunir de novo?

– Ocupe-se. Trabalhe. Ria. Aprenda. Ame sua família. Aproveite a vida do melhor modo que puder.

– Acho que ele concordaria com você, vovó.

Ela sorriu.

– Você vai ter de me contar mais sobre ele amanhã. Ele deve ter sido muito especial, para causar um impacto tão grande.

– Foi mesmo. – Funguei. – Acho que eu gostaria de dormir agora.

– Claro. Vou lhe dar outra colcha.

Enquanto ela remexia no armário e eu seguia para o quarto de hóspedes, virei-me e disse:

– Às vezes tenho pesadelos. Não quero que se preocupe se ouvir alguma coisa. Vovó pôs nos meus braços a colcha grossa que ela mesma havia feito.

– Não se preocupe. Tenho sono profundo. Além disso, Mandona vai mugir pedindo para ser ordenhada antes de o sol nascer, de modo que nenhuma de nós vai dormir muito esta noite.

– Tudo bem. – Ela se virou para subir a escada até seu quarto. – Vovó? – chamei.

– Sim, querida?

– Estou feliz por estar aqui.

– Eu também, Lilypad. Eu também.



A barulhada de potes e panelas na cozinha me acordou antes da hora em que meu corpo despertaria naturalmente. Vesti um roupão gasto que estava no armário e fui para a cozinha. Ela já estava vestida e usava um par de botas de trabalho reforçadas.

– Prefere fazer o café da manhã ou ordenhar Mandona? – perguntou sem se virar.

– Cuido da Mandona – respondi bocejando.

– Certo. O balde está pendurado num gancho perto da porta. Dê um bom bocado de feno a ela. Vai distraí-la enquanto está sendo ordenhada.

– Ótimo.

Vesti rapidamente as roupas de trabalho que ela mantinha para mim. Se eu tentasse levá-las para casa, meus pais iriam queimá-las. Além disso, minha avó insistia que minhas roupas comuns eram “frufu” demais para trabalhar numa fazenda, por isso tinha comprado várias calças resistentes e camisas grossas, de mangas compridas, que ficavam guardadas na cômoda do quarto de hóspedes. Deveriam estar meio apertadas, já que fazia dois anos que eu tinha visitado vovó. As calças estavam mesmo curtas, mas eu tinha perdido peso nos últimos meses, de modo que as roupas ainda cabiam razoavelmente.

Reprimindo outro bocejo, fui para o celeiro e tateei no escuro até achar a corrente pendurada, para acender a luz.

– Oi, Mandona! – exclamei em resposta quando a vaca mugiu na minha direção. – Segure as pontas aí.

Depois de encher seu cocho com feno recém-cortado, de amarrá-la à baia e posicionar o balde e o banquinho, lavei as mãos e então me sentei perto da

vaca. Encostei a bochecha em seu flanco macio e firmei o balde, esperando me lembrar da técnica. Após um mugido irritado e algumas tentativas erradas, descobri como era e entrei num ritmo confortável.

Meia hora depois meus dedos estavam meio rígidos, mas eu tinha quase 10 litros de leite e uma vaca feliz. Dei tapinhas no dorso de Mandona, alimentei os cavalos, recolhi os ovos e fui para a casa com os prêmios. Depois que coloquei o balde e o cesto de ovos na bancada, vovó agradeceu com um grunhido e apontou sua espátula para a mesa.

– Espero que esteja com fome. O cardápio é aquele chique, do qual você gosta.

– Rabanada com *crème brûlée*? – perguntei, a boca se curvando num sorriso esperançoso.

– Claro. Além disso tem ovos com bacon e queijo, portanto coma.

Um bom café da manhã depois do trabalho manual era algo a ser louvado. Consegui devorar três fatias de rabanada, uma porção gigantesca de ovos, um copo cheio de leite fresco e espumante e quatro fatias de bacon antes de gemer e me afastar da mesa.

Lavamos os pratos juntas e, quando perguntei qual era a programação, vovó me entregou uma das suas famosas listas. Eu também gostava de fazer listas, e, enquanto examinava a sua, me perguntei se teria adquirido o hábito com ela ou se havia algo em nossos genes que nos dava um sentimento de satisfação ao ticar os itens do dia.

A lista de vovó incluía limpar a horta, retirando as ervas daninhas; colher os tomates e as abobrinhas; dar banho no cachorro; exercitar os cavalos; fazer um bolo para o aniversário de seu irmão, Melvin; e visitar o túmulo do vovô.

Quando as tarefas da fazenda acabaram, fizemos o bolo de Melvin. Vovó não só bateu a massa como também o recheou com sua geleia de morango caseira. Depois achou que seria boa ideia matar dois coelhos com uma só cajadada e irmos de cavalo entregar o bolo.

Quando perguntei por que estávamos fazendo um bolo para Melvin, e não para Melvin e Marvin, ela disse que, quando os gêmeos eram mais novos, insistiam em que os pais comemorassem os aniversários separados, para evitar que eles tivessem a ideia louca de dar um único presente para os dois irmãos. O bolo predileto de Marvin, de limão, tão azedo que ninguém suportava comer a não ser ele próprio, tinha sido entregue na semana anterior.

Inexplicavelmente, vovó determinou que eu, a amazona menos experiente, deveria carregar o bolo durante a viagem. Apesar de a embalagem ser prati-

camente antibombas, um antigo recipiente de plástico da década de 1950, eu ainda me preocupava achando que, na melhor das hipóteses, iria estragar o glacê ou, na pior, largá-lo numa pilha de bosta de vaca.

De algum modo, consegui manter as mãos nas rédeas e no bolo e chegamos sem qualquer incidente à casa de Melvin, na extremidade oposta da propriedade. Depois da inevitável visita de uma hora à família de Melvin, das perguntas educadas sobre seus filhos e netos, da orgulhosa exibição por parte de vovó de sua neta recém-formada, da troca de várias mudas de plantas e da devolução de algumas saladeiras, finalmente nos vimos a caminho de casa.

Quando perguntei a vovó se ela queria ir logo ao túmulo do vovô, que ficava razoavelmente perto da casa, ela sacudiu a cabeça.

– Ele gosta quando eu me arrumo.

Fomos para casa, levamos os cavalos de volta às baias e, como havia sido um dia quente, úmido, do tipo perfeito para dar um banho no cachorro, também fui para o chuveiro quando voltei.



Depois de dizer olá ao vovô e substituir as flores mortas pelas novas que cortamos naquele dia, deixei-a a sós e fui para a sombra de uma árvore ali perto, para esperar. De vez em quando captava o som baixinho de sua voz vindo com a brisa, falando com o marido, e me perguntava o que ela estaria dizendo. Estaria contando o que havia acontecido em sua vida desde a última visita? Dizendo quanto sentia sua falta? Ou só que o amava?

Repassei as coisas que eu dissera a Amon e lamentei que ele não tivesse me ouvido dizer que o amava. Deveria ter ouvido. Essa deveria ter sido a primeira coisa dita por mim. Mas eu só perguntei se aquilo estava acontecendo mesmo. Que desperdício! Joguei fora uma oportunidade de falar de verdade com ele; em vez disso, apenas o enchi de perguntas. O que estava acontecendo e por que estava acontecendo não eram tão importantes quanto explicar como eu me sentia. Da próxima vez, se houvesse uma próxima vez, eu diria primeiro que o amava.



Quando me deitei na cama, soube que vovó estava certa. Levar a vida do melhor modo possível e trabalhar duro poderia ajudar a entorpecer a dor

de perder uma pessoa amada. Tirei da bolsa o escaravelho do coração que Amon me deixara e o esfreguei com a ponta dos dedos. A pedra verde brilhou com a luz refletida do meu abajur. Estava quente e havia uma pulsação leve, como a batida fraca de um coração, emanando do interior da pedra. Comprimi os lábios contra ela, desejando que fosse a pele dourada de Amon, depois a coloquei sobre o coração, a posição em que Anúbis a teria deixado ao preparar a múmia de Amon.

Puxei as cobertas até o queixo, com a parte inferior presa sob o corpo, cruzei os dois braços sobre o peito, a palma da mão cobrindo a joia preciosa, e me perguntei se era essa a sensação de estar mumificada. Apesar do pensamento mórbido, não demorou muito para que eu caísse no sono, os dedos envolvendo o escaravelho. No entanto, em vez de encontrar Amon nos sonhos, como esperava, fui acordada bruscamente por uma luz forte e uma voz profunda, reverberante:

– É hora de levantar, Lilliana Young.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)